

Mortes frequentes e premeditadas de bebés no Hospital Provincial de Lichinga?

Direcção Provincial de Saúde de Niassa diz que o assunto está a ser investigado.

Maputo (Canalmoz) – Uma utente do Hospital Provincial de Lichinga, capital da província de Niassa, denunciou uma alegada morte premeditada naquela unidade hospitalar e pediu a intervenção do Presidente da República e da ministra da Saúde para acabar com o fenómeno.

“Estamos a pedir socorro no Hospital Provincial de Lichinga. Toda a mãe que vai entrar na incubadora ou berçário não volta com o seu bebé para casa. Isto já é uma constante. É normal, num dia, no berçário morrerem cinco ou seis crianças. Chega um ponto em que a própria parteira do hospital te diz ‘minha filha faça um esforço porque, se eu for a meter na sala de operações para fazer cesariana, você não vai sair de lá, porque esta semana está-se a morrer muito. É normal você ir fazer uma cesariana, nem você nem o seu bebé sair com vida”, afirma a cidadã e acrescenta que teve uma amiga que deu à luz num domingo às 5h00, contudo, por causa do esforço que a parteira fez para o bebé nascer, este acabou por ter problemas respiratórios e foi para o berçário. Para espanto da mesma, até às 5h00 do dia seguinte o

bebé havia perdido a vida. Mas, durante toda a noite, o bebé estava a ter acompanhamento, e os médicos diziam que estava tudo em ordem e garantiam que o bebé teria alta.

“Se estivéssemos numa outra província em que temos concorrência de agências funerárias, até pensaríamos que fosse por causa disso. Mas, aqui em Lichinga, se alguém perde um familiar, faz o seu caixão e vai enterrar”, disse a mulher, que acusa alguns enfermeiros de matar propositadamente os bebés e permanecem impunes.

Doentes partilham maca com mortos

Ainda no rol de acusações, a mulher (de quem omitimos o nome), denuncia que o Hospital Provincial de Lichinga só tem uma máquina para medir a pressão arterial, uma maca para doentes e mortos e não dispõe de cadeiras de rodas.

“No nosso hospital provincial você quer medir pressão arterial, a máquina que usam no banco dos socorros é a mesma na maternidade e na medicina. Não temos cadeiras de rodas, a mesma maca

que usam para carregar um morto para agência funerária é a mesma que usam para carregar um doente. Estamos a pedir socorro”, disse.

“Não sei se pedimos ao Presidente da República ou à ministra da Saúde, mas, por favor, venham ver por Lichinga. Estamos a morrer. Você com pé partido tem de esperar duas semanas para ser operado. Você procura médico no hospital, ele não está. Chegou às 18 horas, mas às 19 horas vai jantar. A minha amiga disse que viu uma funcionária de limpeza a mexer nos tubos da incubadora. Onde ela teve a formação para fazer isso?”, diz a autora, que pediu ao Governo meios ou instrumentos para trabalhar, dando a impressão de que também é funcionária afectada ao sector da Saúde.

Direcção Provincial de Saúde de Niassa diz que o assunto está a ser investigado

O director provincial de Saúde de Niassa, José Manuel, disse ao **Canalmoz** que o sector constituiu uma equipa que está a trabalhar no assunto para apurar os factos e, logo que terminar a in-

investigação, serão tornado públicos os resultados do inquérito.

“Penso que não seria muito bom eu avançar algum dado, porque há uma equipa que está a trabalhar no assunto. Então, não fica bem dizer

algo sem ter o resultado da investigação. É prematuro avançar qualquer coisa”, afirmou José Manuel e acrescentou que não é verdade que o Hospital Provincial de Lichinga só tem uma maca. “É por essa razão que

eu prefiro que terminemos a actividade, porque não fica bem dar uma informação hoje, amanhã lançar outra, depois também o público acaba por não perceber o que está a acontecer”, disse. **(Reginaldo Mangue)**
